



A DIALOGICIDADE E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EJA

JANKE, Marysol Fernández Garcia (Autor 1: *Apresentador*)¹

ROCHA, Eduardo da Luz (Autor 2)²

PACHECO, Clara Alice Bassini (Autor 3)³

DE OLIVEIRA, Everton Fêrrer (Orientador)⁴

Resumo

Este texto tem por objetivo refletir sobre a EJA no contexto de uma ação de extensão, visando contribuir para a formação inicial e continuada de educadores. Em seu desenvolvimento organizamos nossas reflexões da seguinte maneira: vinculação desta modalidade ao curso de Pedagogia (componentes curriculares e PIBID Pedagogia); reflexão sobre constituição do grupo pautada na dialogicidade freireana. Como considerações finais, atentamos para a necessidade de outros espaços que viabilizem o contato com a EJA. Entendemos que a extensão se torna um mecanismo essencial para a formação inicial e continuada de educadores para a EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; dialogicidade; formação de educadores.

1.Introdução

As reflexões presentes neste texto são oriundas de nossa participação no projeto de extensão intitulado “*Manutenção e desenvolvimento de comunidade de aprendizagem virtual multimídia em rede social na Educação de Jovens e Adultos (EJA do Brasil) - Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos*”, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa, no qual visa complementar as discussões teórico/práticos relacionados à Educação de Jovens e Adultos.

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia. Bolsista PIBID. Universidade Federal do Pampa. E-mail: mfjanke@gmail.com

² Graduando em Licenciatura em Pedagogia. Bolsista PIBID. Universidade Federal do Pampa E-mail: du.pms@hotmail.com

³ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia. Bolsista PIBID. Universidade Federal do Pampa. . E-mail: clarabassini@outlook.com

⁴ Mestre em Educação. Professor Assistente. Universidade Federal do Pampa. E-mail: ferrer.unipampa.jaguarao@gmail.com



Ao decorrer deste texto em busca de qualificar a leitura, estruturamos nossas reflexões da seguinte maneira: em primeiro momento apresentamos a vinculação desta modalidade ao curso de Pedagogia e PIBID Pedagogia e a necessidade de ações complementares para EJA; em segundo momento refletimos sobre a constituição de nosso grupo de trabalho, em que as etapas de planejamento e ação estão pautadas na dialogicidade freireana. Finalizando o texto, encerramos com nossas considerações finais, deixando em aberto a discussão para futuros aprofundamentos.

2.Desenvolvimento

2.1A modalidade de ensino: EJA no curso de Pedagogia da UNIPAMPA

O curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa viabiliza em seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) elaborado no ano de 2009, apenas dois momentos concretos de aprofundamento teórico/prático, através dos componentes curriculares obrigatórios denominados “Educação Especial e Inclusão” e “Os sujeitos e a prática pedagógica em EJA”.

De acordo com as DCNS para os cursos de Pedagogia, somos habilitados para o exercício da docência nas seguintes áreas:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006)

Todavia é central nesta reflexão compreendermos que o processo formativo deve considerar o desenvolvimento da aptidão, constituição e integralização de conhecimentos referentes à EJA. Nesse sentido o egresso do curso de Pedagogia deverá “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (BRASIL, 2006), levando em consideração além das crianças e adolescentes, também os jovens, os adultos e os idosos, como pertencentes aos grupos societários, tendo o direito a educação e a aprendizagem permanente.

A ampliação da modalidade via PIBID e curso de Pedagogia, parte de uma perspectiva de educação inclusiva, ou seja, uma abordagem que segundo Alves (2006), nos permite responder as necessidades de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Esta modalidade se caracteriza por propor espaços de visibilidade e empoderamento político à determinada parcela da sociedade



precocemente excluída das ações e contextos de escolarização, problematizando o seu acesso e permanência, como um direito e não apenas como um favor.

O PIBID bem como o projeto de extensão mencionado nos apontamentos iniciais, exerce um relevante papel, ampliando os espaços de discussão sobre a EJA, dando visibilidade a temática. A EJA requer ações e práticas educativas especializadas e não apenas a reprodução de práticas aprendidas no decorrer da experiência docente em outros níveis educacionais. Desta forma, abrimos espaço para que surja o interesse e o envolvimento dos licenciandos em relação à temática, viabilizando o entendimento da EJA como fundamental a nossa formação profissional, tornando contínua e permanente a pressão em torno de capacitações e formação especializada de professores.

2.2 Contextualizando o projeto e a ação: A Investigação-ação e a dialogicidade como estratégia pedagógica

2.2.2 Investigação-ação

De acordo com Carr e Kemmis (1988), as práticas de pesquisa que usam a terminologia “ação”, são frutos das reflexões teóricas propostas por Kurt Lewin, da década de 40. Portanto, as pesquisas investigação-ação, ação e ação participante, assumem um caráter de diálogo, partindo de uma reunião de pessoas que se organizam em grupo para a realização de uma tarefa ou um objetivo em comum.

Segundo os mesmos autores, essa concepção é a preferencial quando se refere a investigações relativas às práticas sociais. Essa concepção de investigação se baseia “em uma espiral autorreflexiva formada por ciclos sucessivos de planejamento ação, observação e reflexão (p. 174, tradução nossa)”. Logo abaixo, descrevo os quatro ciclos que fazem parte desta espiral autorreflexiva “lewiniana”, de forma sucinta e objetiva:

1. Planejamento: A partir das vivências naquela realidade, pensa-se em um plano de ação, uma atividade, uma experiência. **2. Ação:** Coloca-se em prática o planejamento pensado. **3. Observação:** Os participantes deste processo observam tudo aquilo que lhes podem ser indicadores de falha, de êxito, problemáticas que precisam ser discutidas, entre outras situações; **4. Reflexão:** A partir do planejamento, da ação e da observação, pensa-se no na natureza do processo, os condicionantes, o que possibilitou o êxito ou o fracasso, e por consequente, produzem subsídios para um novo planejamento, e dessa forma o ciclo continua.

2.2.2 A o contexto da ação

O projeto surge como mecanismo de ligação entre universidade e comunidade mediante a extensão universitária, uma vez que viabiliza a relação teoria/prática (ação-reflexão) através de



práticas educativas de alfabetização acerca da inclusão digital, ofertadas a sujeitos pertencentes à associação de moradores do bairro Cerro da Pólvora do município de Jaguarão/RS.

Assim como Freire, ao pensarmos o projeto e as ações que serão realizadas nos fundamentamos sobre dois princípios essenciais: a politicidade e a dialogicidade. A politicidade no sentido de entendermos que toda ação educativa, é carregada de intencionalidades e princípios ideológicos, em que acreditamos não haver neutralidade na educação, ou seja, a politicidade se faz presente em todas as dimensões da educação, principalmente no que tange a prática docente: técnica, metodológica, filosófica, sociológica, ética, estética, dentre outras. Neste caso nos envolvimentos políticamente no sentido de dar visibilidade a EJA no campo do ensino superior e, também, através do empoderamento destes sujeitos de direitos, que foram privados precocemente de seus processos de escolarização.

E a dialogicidade, conforme Freire (1987), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, é a essência da educação como prática de liberdade. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (FREIRE, 1987, p. 93)”.

(...) o diálogo, segundo Freire, não é pois, um mero recurso didático ou procedimento pedagógico para tornar as aulas, palestras ou seminários mais atraentes. É também isso. Mas é, acima de tudo, uma exigência essencial, ontológico-existencial para a pessoa humana, para todas as formas de relações humanas e para a vida em comunidade e sociedade (ANDREOLA, 2006, p. 31-32)

Através da orientação da espiral autorreflexiva, nos constituímos e organizamos enquanto grupo. Nosso grupo é composto por 5 bolsistas que integram o PIBID Pedagogia na área temáticas das modalidades de ensino: EJA e Educação Especial e 1 bolsista específico do projeto de extensão.

Dividimos nossas ações em duas etapas: a primeira no que tange o planejamento e a ação das oficinas; e a segunda relacionada à observação e reflexão. Nossos encontros são realizados duas vezes por semana, no qual abordamos discussões teóricas relacionadas à EJA além do planejamento das ações que serão realizadas com a comunidade.

Por se tratar de práticas de alfabetização, organizamos nosso primeiro encontro com os sujeitos da comunidade, através de um círculo de cultura, por meio de efetivações de ações coletivas dialógicas, promovendo a comunicação entre diversos sujeitos. Cada sujeito é ao mesmo tempo singular e individual, mas também produto do meio social ao qual está inserido, o que nos permite, em nosso entendimento, o diálogo sobre experiências pessoais e também nos grupos



sociais, seja na escola, trabalho, dentre outros espaços. Freire em uma de suas reflexões coloca que o método criado por ele, não é algo intacto e estanque, sendo que a reinvenção significa aceitar e encarar a história como uma possibilidade. Segundo ele, o pensamento deve ser “reinventado e recriado, segundo as demandas – demandas pedagógicas e políticas – da situação específica” (FREIRE, 1987).

Após o desenvolvimento deste primeiro encontro, teremos elementos que nos propiciem conhecer o contexto de atuação, de determinado sujeito ou grupo, onde estes sujeitos inserem seus anseios, suas preocupações, suas dificuldades, seus desejos e sonhos.

Considerações Finais

Acreditamos como relevantes serem levadas em consideração as categorias “diversidades de sujeitos”, “flexibilidade de tempo/espacos”, “recursos didáticos”, “Legado da educação popular” e “Formação de educadores”, o que de acordo com Soares (2002), são elementos que constituem as especificidades presentes na EJA e que se relacionam a estruturação deste projeto. Neste sentido, a proposta de extensão se torna um locus privilegiado de investigação para o desenvolvimento das especificidades para EJA, complementando a formação inicial e continuada de educadores nesta área de atuação.

Referências

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado** / elaboração Denise de Oliveira Alves, Marlene de Oliveira Gotti, Claudia Maffini Griboski, Claudia Pereira Dutra - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

ANDREOLA, Balduino. A. Educação e diálogo na perspectiva de Freire. **Revista Espaço Pedagógico**. Passo Fundo: v. 13, n. 1, p. 19-34, jan/jun 2006

BRASIL, Resolução CNE/CP N^o1. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso Pedagogia**. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 05 de Maio. 2016.

CARR, Wilfred.; KEMMIS, Stephen. **Teoría crítica de la enseñanza: La investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona: Ediciones Martínez Roca S.A, 1988.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 16a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.